

CIÊNCIAS DA CURA: DEBATES, EMBATES, EDUCAÇÃO POPULAR NO FINAL DOS ANOS 1910*

Liane Maria Bertucci
Universidade Federal do Paraná

Resumo

Focalizando de forma privilegiada a cidade de São Paulo no final da década de 1910, o texto recupera estratégias de ação de alopatas e homeopatas que conviviam e concorriam na tentativa de firmar e alargar seus espaços de atuação. O trabalho destaca os discursos elaborados por esses profissionais da saúde no período desestruturador da gripe espanhola e como estas falas, expondo de maneira concisa e direta as concepções de ciência médica dos dois grupos, eram apresentadas ao cidadão de São Paulo, procurando educar/cooptar uma população apavorada pelo grande número de enfermos e mortos causados pela epidemia de 1918.

Palavras-chave: alopatia, homeopatia, educação, ciência médica

Abstract

Focusing mainly Sao Paulo's city at the end of the 1910's, this text intends to recover strategies developed by allopathic and homeopathic doctors who rubbed along together and competed for stabilize and broaden their activity spaces. It shows up discourses elaborated by these health professionals during the critical period of Influenza, and how such speeches, exposing directly and concisely medical science conceptions of both groups, were presented to Sao Paulo citizens for education/cooptation of a population frighten by the enormous number of sick and dead people of the 1918 epidemic.

Key-words: allopathic; homeopathy; education; medical science

INTRODUÇÃO

Durante o século XIX os homens da ciência médica brasileira procuraram, cada vez mais, se organizar em grupo e ampliar sua atuação social. Neste sentido

foram importantes a ação da Academia Imperial de Medicina (criada em 1829 como Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro e rebatizada em 1838) e a publicação de periódicos, que mesmo efêmeros, divulgavam preceitos científicos sobre doença e cura. Foi nesse período que começaram a desaparecer, enquanto atividades legais, as práticas de curandeiros, sangradores e parteiras, que há séculos atuavam entre enfermos e necessitados. Eles continuariam a exercer suas ‘artes’, mas foram, cada vez mais, apontados como pouco eficientes (sangradores e parteiras) ou se tornaram alvo de perseguições e punições (curandeiros) pelas autoridades médico-governamentais. (PIMENTA, 2003) Foi também nessa época que uma nova ciência da cura, que chamavam homeopatia em oposição a outra ciência, “a antiga”, que denominavam alopatia, ganhou efetiva divulgação no país, graças a ação do médico Benoit Jules (Bento) Mure. (LUZ, 1996, NOVAES, 1986; SILVEIRA, 1997)

Nas primeiras décadas do Novecentos, homeopatas e alopatas procuraram de diversas formas catalisar as atenções das pessoas que buscavam meios para acabar com as moléstias e manter a saúde. Elaborando discursos para responder aos seus possíveis clientes, os homens das duas ciências valorizavam o que denominavam “suas ações científicas” na tentativa de educar as pessoas, instruindo-as sobre procedimentos que julgavam adequados para amenizar dores e acabar com enfermidades. Foi esse universo de convivência/concorrência, algumas vezes muito tenso, outras nem tanto, que foi abalado por uma epidemia que atordou médicos e leigos no final dos anos 1910, a gripe espanhola.

O ano de 1918 para os brasileiros, como para muitas pessoas no mundo, começou marcado pelas constantes notícias sobre a Grande Guerra que envolvia as nações mais ricas e poderosas do planeta e seus aliados. Durante os meses de junho e julho, entre as notícias sobre o conflito, vários jornais brasileiros publicaram pequenas notas sobre a Espanha que informavam sobre uma forte gripe, que já chamavam de “espanhola”. País neutro durante a Primeira Guerra Mundial, partiam da Espanha notícias pouco comuns naquele período, notícias que outras nações procuravam esconder, pois havia censura de guerra (seria a ‘liberdade de imprensa’ do país a razão do nome “gripe espanhola”? Aparentemente, sim). (BEVERIDGE, 1997; ECHEVERRI DÁVILA, 1993; OLDSTONE, 1998) Mas depois de algumas semanas, outros países europeus, a princípio timidamente, começaram a noticiar casos de gripe ou influenza espanhola. Informavam que muitas pessoas estavam morrendo, algo extraordinário para uma gripe. Entretanto outro acontecimento chamava mais a atenção dos brasileiros naquele período: a Missão Médica Brasileira estava de partida para colaborar com o socorro às vítimas da guerra mundial. Os médicos partiram no final de agosto.

Em poucos dias, informações vindas do outro lado do oceano ofuscaram o que poderia ser a importante atuação brasileira nos locais de combate. Notícias informavam que a gripe espanhola havia sido detectada em outros continentes. Dacar (no Senegal) e Freetown (em Serra Leoa), locais de passagem de muitos soldados, estavam entre as primeiras localidades da África a registrar casos da enfermidade. Navios com soldados e médicos do Brasil haviam ancorado naqueles lugares. Notícias sobre brasileiros doentes começaram a chegar. Mais de 50 morreram, entre eles 3 membros da Missão Médica.

No dia 14 de setembro o navio Demerara, vindo de Lisboa, aportou no Rio de Janeiro depois de ancorar em Recife e Salvador. Algumas pessoas estavam doentes desde a travessia do Atlântico. Metade dos passageiros desembarcou na capital do Brasil. Durante a viagem até o Rio de Janeiro ocorreram 5 óbitos por diversas moléstias, inclusive gripe. Devidamente desinfetado pelas autoridades sanitárias, o navio foi autorizado a desembarcar homens e carga. Algumas pessoas que desembarcaram já estavam enfermas, outras adoeceram. Pouco a pouco, cada vez mais cariocas ficaram gripados.

Paralelamente, o diretor geral da Saúde Pública, doutor Carlos Seidl, tomou medidas preventivas nos portos brasileiros: desinfecção e quarentena de navios. Mas as medidas foram inúteis. O número de enfermos e mortos cresceu vertiginosamente em várias cidades, primeiro as portuárias, como Salvador e Recife, além do Rio de Janeiro. Em algumas semanas o país inteiro estava gripado. Seidl foi demitido. (BERTUCCI, 2004, p.90-133)

Em meio às providências médico-governamentais para tentar cuidar dos que adoeciam em todo o Brasil, medidas foram tomadas para instruir a população sobre o que fazer para se prevenir e tratar a moléstia $\frac{3}{4}$ uma educação diária que teve nos jornais grandes aliados. Vários periódicos de São Paulo e de outras cidades brasileiras (como Curitiba) publicaram e reeditaram os “Conselhos ao Povo”, resumo das principais prescrições médicas divulgadas pelo Serviço Sanitário paulista nos primeiros dias da epidemia. Os “Conselhos” recomendavam: evitar aglomerações, fadiga e excesso físico, não fazer visitas, evitar resfriamentos, tomar cuidados higiênicos com o nariz e a garganta, usar quinino como preventivo (0,25 a 0,60 centigramas por dia). Repouso era a primeira indicação para os doentes. (BERTUCCI-MARTINS, 2003)

Em São Paulo, quando o número de enfermos e mortos aumentou de maneira assombrosa, no início de novembro, a hospitalização dos gripados passou a ser alardeada pelos médicos (especialmente alopatas, mas também homeopatas) e foi insistentemente divulgada através dos jornais na tentativa de sensibilizar a população. Mas a internação era uma prática que esbarrava na resistência que muitas pessoas tinham dos nosocômios, por identificá-los como local de morte ou para indigentes. Apesar dos apelos e explicações publicados na imprensa, o nú-

mero de internos nos locais conhecidos como ‘hospitais provisórios’ ficou aquém das expectativas dos doutores. Eram vários os paulistanos, com crenças alimentadas pelas conversas cotidianas, que ignoravam as instruções médicas que pretendiam reeducar os indivíduos sobre o tema hospitalização ³/₄ eram as relações socioculturais, marcadas por experiências seculares, resistindo, impondo limites às tentativas de mudança. (THOMPSON, 1998, p.150-202)

Mas as tentativas de educação popular, às vezes bem sucedidas outras nem tanto, foram uma preocupação constante de médicos alopatas e homeopatas não apenas para procurar garantir a saúde da população. Colocando em xeque os conhecimentos das duas ciências, que buscavam dar uma resposta para a enfermidade, a gripe espanhola tornou ainda mais explícito dois tipos de discursos, o da alopatia e o da homeopatia, que procuravam expressar a competência de suas práticas científicas sobre a saúde e a doença.

ALOPATIA E GRIPE ESPANHOLA: BUSCAR A CAUSA DA MOLÉSTIA MANTENDO A CONFIANÇA POPULAR

Noções da ciência alopática espalhavam-se pela sociedade brasileira desde pelo menos o final do século XIX, em grande parte pela forma com que os doutores divulgavam as possíveis soluções para muitos dos problemas de saúde do Brasil: a medicina estaria acabando com a febre amarela e, gradativamente, liquidava a varíola, entre outros feitos repetidamente lembrados. A ciência ‘popularizava-se’, ganhava novos significados (inclusive reivindicatórios) penetrando, pouco a pouco, o dia-a-dia das pessoas graças a propaganda que era feita de sua eficácia no trato de questões que haviam aterrorizado homens e mulheres ao longo dos anos. (BERTUCCI, 2004, p.42-68) Os ‘dicionários domésticos de medicina’, foram poderosos divulgadores da alopatia desde o Oitocentos e no século XX ganharam novos autores, como os doutores Renato Kehl e Eduardo Monteiro, que no *O medico do lar* fortaleceram um discurso que centrava no médico o poder de prescrever e supervisionar indicações terapêuticas e preventivas. (Ibidem, p.226-229)

Mas a ciência alopata seria surpreendida com a gripe de 1918. Foram vários os médicos-cientistas que procuraram desvendar o que havia acontecido para que uma doença definida como benigna (isto é, que não representava perigo de morte) houvesse se transformado em uma enfermidade de letalidade descomunal. No Brasil, entre os alopatas, as primeiras discussões sobre a moléstia começaram ainda em setembro de 1918, antes mesmo de a influenza espanhola fazer suas primeiras vítimas em solo nacional. Seria possível a gripe matar tanto e com tal rapidez? Seria mesmo gripe? Seria a moléstia que grassava na Europa a mesma da África? Foram algumas das questões debatidas.

Em poucas semanas, com novas informações chegadas de diferentes partes do mundo, a maioria dos médicos brasileiros, assim como os estrangeiros, definiu a doença como gripe ou influenza: doença microbiana, endêmica e mundial, sem tratamento específico e, geralmente, sem gravidade, cuja epidemia durava em média 6 semanas. A influenza espanhola mereceria maiores cuidados por sua virulência excepcional.¹

A gripe de 1918 suscitou diferentes opiniões quanto a possíveis tratamentos (todos paliativos, como em toda a gripe) que eram apresentados à população com reserva pelos médicos,² mas que desencadearam uma avalanche de propagandas de produtos medicamentosos anunciados como indicados para impedir a doença, minimizar seus efeitos e curar os gripados. (BERTUCCI, 2003) A influenza espanhola também intensificou um debate que existia anteriormente sobre qual seria o agente causador da gripe – a grande polêmica entre os pesquisadores era se a gripe (espanhola ou não) era causada pelo bacilo de Pfeiffer ou por um vírus filtrável.

O debate sobre o que causaria a(s) gripe(s) e relatos sobre a história das epidemias da moléstia ao longo dos séculos, eram apresentados à população em uma linguagem que, explorando nomes (como micróbio) e noções (como infecção) que já eram corriqueiros entre os leigos, tentavam ordenar informações e tranquilizar pessoas apavoradas diante de um mal efetivamente incontrolável. Mas diferentes teses sobre a enfermidade e notícias sobre a descoberta da cura, também ganhavam as páginas dos jornais de forma desordenada, geralmente em pequenas notas pouco esclarecedoras ¾ logo esquecidas em meio às inúmeras notícias sobre a epidemia, ou desmentidas por autoridades médicas ou governamentais (como a que informou a descoberta de um soro contra a gripe, que teria sido realizada por um médico de Tunis (*O Estado de S.Paulo*, 23/10/1918)). Sinais da confusão que a epidemia de influenza espanhola causava, mas, também, indícios dos debates e das várias pesquisas que procuravam entender a enfermidade, sua causa e possíveis formas terapêuticas.

No Brasil, entre aqueles que defenderam a tese de ser a moléstia causada pelo bacilo de Pfeiffer, ou *Haemophilus influenzae*, estava o doutor Victor Godinho, diretor do Hospital de Isolamento da cidade de São Paulo.³ Segundo o médico, a gripe de 1918 era causada pelo mesmo bacilo da epidemia de influenza que havia grassado em 1889, e que havia sido identificado pelo bacteriologista Richard Pfeiffer. Para Godinho, algumas vítimas da gripe epidêmica de 1918 poderiam até não apresentar o bacilo, porque ele teria a capacidade de atuar em conjunto e como um “facilitador” de agentes de outras moléstias, como o da pneumonia, o que tornava inviável a detecção do *Haemophilus influenzae* em alguns casos.

No início de novembro, a publicação pelos jornais de São Paulo de um comentário do doutor Arnaldo Vieira de Carvalho sobre a gripe epidêmica (mesmo não mencionando o bacilo de Pfeiffer) parecia concordar, em parte, com a opinião do doutor Godinho. Vieira de Carvalho afirmava: “A gripe predispõe [o] organismo para a implantação da pneumonia.” Para o médico, pelo menos na capital paulista, estariam ocorrendo então duas epidemias, uma de gripe e outra de pneumonia, conclusão a que chegara devido ao grande número de pneumônicos registrados especialmente a partir do final de outubro. Vários médicos discordaram, para eles epidemia mesmo só de gripe, apesar dos vários casos de gripe pneumônica e de pneumonia (*A Platéia*, 05/11/1918)

Entre os pesquisadores que defenderam ser a gripe, espanhola ou não, causada por um vírus filtrável, estavam os doutores Aristides Marques da Cunha, Octavio de Magalhães e Olympio da Fonseca, do Instituto Oswaldo Cruz. A gripe seria resultado de um agente patogênico que sobreviveria apenas no interior de células vivas, como as do sangue e as existentes no escarro dos enfermos, e não por bacilo (que teria ‘vida independente’) como o de Pfeiffer. (CUNHA; MAGALHÃES; FONSECA, 1918, p.174-191).

Estudos realizados em diferentes partes do mundo, e também por outros brasileiros, compartilhavam essa idéia: Nicolle, Lebailly e Violle, na França; Selter, na Alemanha; Yamunuchi, no Japão. Além de Henrique Baurepaire de Aragão, do próprio Instituto Oswaldo Cruz, e cientistas do Instituto Butantã, de São Paulo (FONSECA FILHO, 1973, p.39; ARAGÃO, 1919, p.448; ALVES, 1919, p.149). Eram diversos pesquisadores que, em meio ao socorro às vítimas da influenza espanhola, procuravam entender a origem e o processo da gripe, elucidando e testando idéias até então sustentadas sobre a enfermidade.

Foi em meio aos experimentos e debates que marcaram os meses da epidemia de 1918 que Cunha, Magalhães e Fonseca realizaram suas pesquisas. Deduziram: “A gripe é uma infecção produzida por vírus filtrável. O vírus da gripe existe no sangue, pelo menos em certas fases da moléstia. O vírus da gripe existe no escarro dos doentes (...)” (CUNHA; MAGALHÃES; FONSECA, 1918, p.191)

Apesar de entusiasmados com as reações febris em animais devido a inoculação de escarro e sangue filtrados de gripados,⁴ o que não ocorria com aplicação de material análogo de outra procedência (FONSECA FILHO, 1973, p.39), os médicos eram reticentes: um maior número de testes precisaria ser feito. Quanto aos possíveis tratamentos experimentados em seres humanos: por ‘vacina’ de filtrado de escarro (6 pessoas) ou auto-hemoterapia⁵ (49 pessoas), os médicos afirmavam que careciam de mais estudos, em mais pessoas, para conclusões consistentes; o que o acúmulo de trabalho, devido à própria epidemia de gripe espanhola, inviabilizara. (CUNHA; MAGALHÃES; FONSECA, 1918, p.180-182)

Desta forma, em novembro, quando a influenza espanhola em vários pontos do Brasil dava sinais que estava em declínio, médicos alopatas, esperançosos e, principalmente, cautelosos, apenas insistiam em continuar afirmando que a epidemia de 1918 era de gripe: conclusão baseada em observações feitas sobre a doença ao longo dos anos, em períodos epidêmicos ou não, em diversas partes do mundo. Era preciso esperar as 6 semanas, cuidar dos enfermos, evitar complicações, até a moléstia cumprir seu ciclo. O meio de prevenir grandes epidemias de gripe e a fórmula que realizaria a cura rápida da enfermidade, dependeriam do futuro das pesquisas científicas que estavam em curso.

Assim, informada sobre a história de outros períodos epidêmicos, instruída sobre como proceder para tentar evitar, minimizar ou tratar a gripe espanhola, a população era constantemente lembrada que, mesmo não tendo a explicação e a cura imediata para a moléstia, a alopatia dispunha dos meios $\frac{3}{4}$ as pesquisas científicas $\frac{3}{4}$ para obter um dia o resultado que todos queriam: o conhecimento total, o controle e o fim da doença.

A CURA PELOS SEMELHANTES: “A HOMEOPATIA NÃO CONHECE SEGREDOS NA GRIPE “

Mas, doutores em medicina não eram apenas os alopatas, os homeopatas também estavam próximos da população durante a epidemia de gripe espanhola, oferecendo seus serviços e medicamentos e, concomitantemente, divulgando sua ciência. (cf.: BERTUCCI, 2004, p.197-220)

Entre os remédios homeopáticos que eram indicados para prevenir, minimizar ou liquidar a epidemia, um dos mais populares era Grippina, formulado pelo doutor Alberto Seabra. O medicamento era comercializado pela Companhia Paulista de Homeopatia, dirigida por Seabra, e anunciado como “o remédio da gripe espanhola”. Em São Paulo, como em diversas outras cidades brasileiras, no final da década de 1910, eram vários os “específicos” que estavam à disposição dos adeptos da homeopatia. Associando em doses corretas vários produtos, os “específicos” eram indicados para acabar com diferentes doenças: de tuberculose a sífilis, de tumores a enxaqueca, de coqueluche a cáries dentárias. Laboratórios bem equipados de São Paulo e do Rio de Janeiro estavam entre os grandes fornecedores de produtos homeopáticos do país.

Fácil era para a população encontrar folhetos, artigos e livros sobre homeopatia. Em São Paulo, foi repetidamente anunciado pelos jornais o livro *O Médico dos Pobres*, que continha a descrição das moléstias mais comuns, seu diagnóstico e tratamento, além de um compêndio dos principais medicamentos homeopáticos e como usá-los. A auto-medicação era possível. Em novembro de 1918,

o livro *Guia de Medicina Homeopática*, do doutor Nilo Cairo, era anunciado em meio a epidemia de gripe espanhola com uma frase polêmica: “Não consulte médico. Tenha sempre em sua casa o *Guia de Medicina Homeopática* ... ele lhe poupará médico e farmácia e o transformará em médico da família”. (*A Capital*, 15/04/1918; *O Estado de S.Paulo*, 09 e 30/11/1918)

Prática científica ao alcance de todos, economia garantida: “Sem arruinar a bolsa do público. A homeopatia cura mais. A homeopatia cura melhor. A homeopatia cura mais barato”, repetia a Companhia Paulista de Homeopatia em suas propagandas. (*O Estado de S.Paulo*, 15/10/1918)

Em meio às mortes contabilizadas durante a epidemia, dia 30 de outubro, o “eminente pedagogo” Carlos Escobar, chamava os médicos de “mercenários diplomados” mas, dizia, haviam exceções, raros médicos que “dedicam-se com fervor ao seu sacerdócio”, entre eles o doutor Alberto Seabra “invicto apóstolo da homeopatia”. Concluindo: a Grippina elaborada por Seabra “não é uma fórmula secreta preconizada pelos doutores da quarta página (...) ignorantes das leis biológicas”. (*A Capital*, 30/10/1918)

Mas nos jornais, em diferentes páginas, era comum doutores homeopatas e alopatas compartilharem o mesmo espaço para anunciarem suas especialidades. Em São Paulo, ao lado de alopatas como Arnaldo Vieira de Carvalho ou Penido Burnier, o cidadão facilmente poderia encontrar a oferta dos serviços de homeopatas, como Nilo Cairo, que além de escrever seus livros, atendia na rua Major Sertório, nº 35, ou Murtinho Nobre, que receitava em sua Farmácia Homeopática, na rua Boa Vista, nº 10. (*Jornal do Commercio*, 06/01/1917; *Diário Popular*, 28/08/1919; *O Estado de S.Paulo*, 17/08/1919)

Foi o doutor Murtinho Nobre que um jornalista de *A Gazeta* entrevistou dia 5 de novembro de 1918, quando os redatores do jornal, preocupados com a proporção da epidemia de gripe espanhola, buscavam informar e acalmar os moradores de São Paulo, pois a homeopatia oferecia uma outra possibilidade de tratamento e cura que já era conhecida de muitos brasileiros.⁶ O doutor Murtinho Nobre não escondeu sua satisfação pela oportunidade de divulgar informações sobre sua ciência e instruir aqueles que quisessem optar pelo tratamento homeopático durante a epidemia. Afirmava que a homeopatia não tratava doenças mas doentes, por isso variava seus tratamentos conforme o paciente, entretanto, devido as características da enfermidade epidêmica, três eram as fórmulas mais utilizadas nos gripados:

1º ¾ Gelsemium e Eupatorium porf., 1 gota em meio cálice de água, de hora em hora, alternando - contra febres altas, dores pelo corpo e abatimento. Forma mais generalizada.

2º ¾ Gelsemium e Baptista, para a forma intestinal. 1 gota de hora em hora, alternando.

3° ¾ Antimonium tart. 30 e Phosphorus 30, para a forma pneumônica. 1 gota de hora em hora, alternando. (*A Gazeta*, 05/11/1918)

Além das três receitas, o doutor Murtinho Nobre relacionava os produtos gerais que empregava no combate à epidemia, entre eles: arsênico iodado, para grande prostração e coriza, e acônito, para a febre alta e medo de morrer. Mas era o Gelsemium, feito a partir da raiz do jasmim amarelo, remédio que ele próprio manipulava, o medicamento que mais utilizava e vendia. (*A Gazeta*, 05/11/1918) Segundo o doutor Murtinho Nobre: “A homeopatia não conhece segredos na gripe, (...) e nem perde casos. Apenas enfermidades crônicas ou incuráveis é que não podem ter cura quando atacados (sic) pelo atual gênio epidêmico.” (Idem)

Dois dias depois das declarações de Murtinho Nobre, falando ao mesmo jornal, o doutor Alberto Seabra incrementava as informações sobre a ciência homeopática. Discorria sobre a forma harmoniosa como a homeopatia conhecia e interpretava sinais e sintomas das enfermidades em cada doente em particular, indicando o remédio com base na semelhança entre aquilo que era observado no enfermo e a “patogenesia” (isto é, o mecanismo de produzir doenças) dos medicamentos. (*A Gazeta*, 07/11/1918)

Desta maneira, para a homeopatia, a eficiência de um remédio estaria em produzir uma doença artificial semelhante à enfermidade real no indivíduo doente: o organismo mobilizado para reagir contra a nova moléstia (provocada e controlada) acabaria liquidando as duas. Segundo os princípios homeopáticos, uma substância seria considerada um medicamento apenas depois de diluída (desdobrada em sua capacidade terapêutica) e testada em homens sadios, neles produzindo reações semelhantes a sintomas mórbidos apresentados por indivíduos doentes. (HAHNEMANN, 1984, p. 8-18) A alopatia, de maneira diversa, combateria as moléstias com medicamentos, e dosagens, testados e indicados para ‘atacar’ a doença com propriedades contrárias àquelas que resultavam em estado mórbido nas pessoas. Era o *simila similibus curantur* homeopático versus o *contraria contrariis* alopático.

Continuando a entrevista, o jornalista de *A Gazeta* perguntava: E as curas realizadas pela alopatia? O doutor Seabra respondia: “a alopatia também cura algumas vezes, muitas vezes, digamos. Mas isso só se dá quando ela aplica consciente ou inconscientemente a lei dos semelhantes. (...) Nesses casos a cura se realiza apesar das doses.” Perguntado sobre Grippina, Seabra informava que ele e outros homeopatas haviam elaborado remédios durante a gripe epidêmica, assim como faziam em outros períodos, para atender aos mais pobres que não tinham dinheiro para consultar um médico homeopata e àqueles que mesmo tendo em casa manuais e formulários de

homeopatia não conseguiam obter os diferentes medicamentos que, segundo as indicações dos autores/doutores, eram recomendados para os males que sentiam. (*A Gazeta*, 07/11/1918)

A cura parecia assim ao alcance de qualquer pessoa. Medicar-se de forma eficaz e econômica seria uma prática perfeitamente possível durante a epidemia, como em outros momentos. Desta forma, enquanto o discurso alopatista apresentava um conhecimento parcial sobre a gripe em geral e, portanto, sobre a gripe espanhola, apontando o futuro como o tempo em que a ciência alopatista alcançaria a cura e a forma de prevenção de todas as gripes; a homeopatia afirmava saber a cura da influenza em 1918. Como escrevera Bruckner em 1912, no livro *O medico homeopata da familia*, na aplicação dos medicamentos a homeopatia utilizaria um princípio fixo, que a experiência repetida milhares de vezes, através da observação de muitos casos, confirmava. Nas epidemias não seria diferente, a fórmula do tratamento correto apenas poderia ser um pouco retardada porque nestas situações singulares os sintomas das moléstias se revestiriam de uma forma pouco determinada, vaga e genérica. (BRUCKNER, 1912, p.1-2)

Poder de curar sempre, homeopatas e alopatistas tinham em comum a mesma pretensão, com uma diferença, a fluidez do discurso alopatista, pronunciado em momento crítico como o epidêmico, acabaria colaborando para uma maior facilidade na administração, interna e externamente, de seus fracassos em 1918. Apontando o futuro como o tempo da plena realização de sua ciência, uma época em que a enfermidade hoje insolúvel seria resolvida. Mas os gripados de 1918 queriam saúde e as palavras do doutor Murтинho Nobre, como de outros homeopatas, pareciam indicar um caminho: a homeopatia.

Entretanto, com o grande número de enfermos e mortos em todo o país,⁷ apesar das discordâncias evidentes, em São Paulo e certamente em outras partes do Brasil, indícios de uma ‘trégua’ entre alopatistas e homeopatas podem ser observados durante a gripe espanhola.⁸ Na tentativa de dividir dificuldades e fracassos que, apesar dos discursos, também eram da homeopatia ? É possível. Era o doutor Murтинho Nobre que declarava, em novembro de 1918:

(...) não se pode acrescentar uma vírgula ao que o ilustre dr. Neiva [alopata, diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo] fez como organização [para combater a gripe espanhola]. A divisão, a cooperação de esforços é espantosa e é modelar a formação dos hospitais provisórios. Aliás, é o único meio de debelar a epidemia: hospitalizar os doentes que, sem isso, não teriam recursos suficientes para a cura. Além disso, a dieta aconselhada aí pode ter outra realidade. (*A Gazeta*, 05/11/1918)⁹

CONCLUINDO

Atuando durante a epidemia de gripe espanhola, alopatas e homeopatas procuraram não apenas aliviar o sofrimento das vítimas da influenza espanhola, mas instruir a população quanto aos cuidados que deveriam ser tomados durante a gripe epidêmica, buscando educar as pessoas nos princípios das suas ciências. Como parte deste processo educacional, os alopatas divulgavam, mesmo que de forma fragmentada, suas tentativas de desvendar a gripe (espanhola ou não): seus possíveis causadores/transmissores e tratamentos. Pesquisas que mesmo anunciadas como inconclusas ou no início, indicavam para os leigos que existiria um tempo, o futuro, onde o pleno conhecimento sobre a enfermidade, seu tratamento e controle seriam desvendados. Paralelamente, os homeopatas, em pronunciamentos à imprensa ou em propagandas de seus produtos, anunciavam que, se bem observados os sinais e sintomas, os gripados poderiam ser curados através da utilização correta de medicamentos previamente testados, pois “a homeopatia não conhece segredos na gripe” (como dizia o doutor Murtinho Nobre). Até mesmo a auto-medicação, devidamente amparada por manuais homeopáticos escritos por doutores, poderia dar ótimos resultados.

Instruídos sobre vários procedimentos médicos anunciados como preventivos ou curativos na epidemia de 1918, os leigos muitas vezes pouca diferença faziam entre homeopatia ou alopatia. Como dizia o doutor Alberto Seabra: “a grande maioria das pessoas não [quer] saber de homeopatia ou alopatia, mas apenas conseguir um medicamento para acabar com a doença”. (*A Gazeta*, 07/11/1918) Mas, independente das diferenças entre as duas ciências, e mesmo durante o momento agudo da epidemia de 1918, é possível observar que se processava no final dos anos 1910 uma educação cotidiana das pessoas sobre saúde e doença, educação que cada vez mais apontava os doutores como os únicos conhecedores dos labirintos da doença e da cura. Doutores alopatas, afirmando seu saber parcial, mas anunciado como ‘o’ meio para atingir, um dia, o saber integral sobre as moléstias. Doutores homeopatas, divulgando um conhecimento que apontava a possibilidade de cura, para qualquer moléstia, no tempo presente, desde que observações e intervenções corretas, isto é realizadas ou chanceladas por um doutor homeopata, fossem feitas no momento certo durante a enfermidade.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAÃO, Janete Silveira. *Banalização da morte na cidade calada*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998
- BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeiros. In: Chalhoub, Sidney et al. (org.) *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p.197-227.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. “Conselhos ao povo”, educação contra a influenza de 1918. *Cadernos CEDES*, v. 23, nº 59, p.103-117, Campinas, abril 2003

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.12, nº 1, p. 143-157, janeiro-abril 2005

BEVERIDGE, W.I.B. *Influenza: the last great plague*. Londres: Heinemann, 1997

ECHEVERRI DÁVILA, Beatriz. *La gripe española. La pandemia de 1918-1919*. Madri: Siglo XXI,1993

GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.12, nº 1, p. 101-142, janeiro-abril 2005

LUZ, Madel T. *A arte de curar versus a ciência das doenças* São Paulo: Dynamis, 1996

NOVAES, Ricardo Lafetá. *O tempo e a ordem*. Sobre a homeopatia. Tese de doutorado. Departamento de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1986

OLDSTONE, Michael B.A. *Viruses, plagues, and history*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press,1998

PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: Chalhoub, Sidney et al (org.), *Artes e ofícios de curar no Brasil*, Editora Unicamp, Campinas, 2003, p.307-330

SILVEIRA, Gláucia Regina. *Utopia e cura: a homeopatia no Brasil (1840-1854)*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Instituto e Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas,1997

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.12, nº 1, p. 71-99, janeiro-abril 2005

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.150-202

XAVIER, Valêncio. *O mez da gripe e outros livros* São Paulo: Companhia das Letras, 1998

FONTES

Artigos, Livros, Relatório

ALVES, Oscar Rodrigues, *Relatorio apresentado ao Exmo. Snr. Dr.Altino*

Arantes presidente do Estado pelo Secretario do Interior. Anno 1918. São Paulo: [s.n.], 1919

ARAGÃO, Henrique Baurepaire de. Notas. *Archivos Brasileiros de Medicina*, ano IX, Rio de Janeiro, maio 1919, p.448

BRUCKNER. *O medico homeopata da família*. Leipzig: Ph. Central Homeopatica, 1912

CUNHA, Aristides Marques; MAGALHÃES, Octavio de; FONSECA, Olympio da. Estudos experimentais sobre a influenza pandêmica. *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz* Rio, tomo X, fascículo II, p. 174-191, Rio de Janeiro, ano 1918.

FONSECA, FILHO, Olympio da. A pandemia de gripe de 1918 e as primeiras demonstrações da filtrabilidade do respectivo vírus. “Oswaldo Cruz $\frac{3}{4}$ Monumenta Histórica”. In: *Coleção Brasiliensia Documenta* (A escola de Manguinhos). São Paulo: [s.n.], 1973. Tomo II

HAHNEMANN. *Exposição da doutrina homeopática ou Organon da arte de curar* 2ª reimpressão. São Paulo: Grupo de Estudo Homeopáticos “Benoit Mure”, 1984

Jornais da cidade de São Paulo

A Capital

A Gazeta

A Platéia

Diário Popular

Jornal do Commercio

O Estado de S.Paulo

Este artigo é uma versão modificada do texto “As medicinas e a educação da população no início do século XX”, apresentado no V Encontro da Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul, realizado em maio de 2006, no Hotel Maria do Mar em Florianópolis (SC)

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ Durante as primeiras semanas da doença no Brasil, alguns médicos julgaram ser a gripe que grassava na Europa e África moléstia diferente da gripe que vitimava os brasileiros, entre eles o doutor Carlos Seidl.

² Entre os tratamentos médicos que chegaram aos jornais de São Paulo, veja a terapêutica indicada pelo médico Paula Peruche e a polêmica que causou, e o estudo feito pelos doutores Revoredo, Meira e Monteiro: BERTUCCI-MARTINS, 2005

³ Durante todo o período epidêmico, e depois dele, alguns pesquisadores de diferentes partes do mundo afirmaram ser a epidemia de 1918 causada por uma nova enfermidade. No Brasil teve grande

repercussão a suposta descoberta do médico italiano Ciauri, que dizia ter isolado o agente da 'nova moléstia'. Motivo de comoção nacional foi a tese de que a epidemia havia sido espalhada na Europa e depois na América por agentes alemães.

⁴ "O sangue e o escarro dos gripados continuam geralmente virulentos após filtração em vela; os casos de perda de virulência correm por conta da capacidade de retenção das velas já conhecida para outros germens filtráveis.(...)" CUNHA; MAGALHÃES; FONSECA, 1918, p.191

⁵ Auto-hemoterapia: injeção no gripado de uma parcela de seu próprio sangue.

⁶ Outros tratamentos para a moléstia, além dos indicados por alopatas e homeopatas, foram procurados pelos brasileiros, veja entre outros: ABRAÃO, 1998, 73-94; BERTUCCI, 2004, p. 220-246

⁷ Por exemplo: na cidade de São Paulo a influenza espanhola, segundo estatísticas oficiais, vitimou 116.777 de seus 523.196 moradores e matou 5.331 paulistanos. Segundo avaliação do próprio Serviço Sanitário do Estado, muitos casos provavelmente não foram notificados. No Rio de Janeiro, com uma população de 910.710 habitantes, foram aproximadamente 600.000 enfermos e 15.000 mortos. Em Salvador, 386 mortos, 130.000 enfermos em uma população de cerca de 320.000 habitantes. (BERTUCCI-MARTINS, 2005, p.156; GOULA RT, 2005, p. 105; SOUZA, 2005 ,p.93 e 96)

⁸ O que não significa que, mesmo relativa, a situação fosse igual em todo o Brasil. No Paraná, por exemplo, um texto assinado pelo doutor Heraclides de Araújo, intitulado "Combate à gripe", continha o seguinte aviso: "a homeopatia, o espiritismo e as ervas, não curam a gripe, como nenhuma outra moléstia infecciosa ou parasitária". A reação foi imediata. Com o título "A homeopatia também cura" foram publicadas frases do doutor Saturnino Soares de Meireles, de Allan Kardek e até do Livro do Eclesiástico defendendo os homeopatas, os espíritas e a utilização das ervas. Cf.: XAVIER, 1998, p.36 e 42

⁹ Compartilhar o mesmo espaço sem abdicar de suas idéias, não era prática estranha para alguns alopatas e homeopatas de São Paulo. O doutor Alberto Seabra convivia com alopatas no Instituto Pasteur, na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e na Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo, onde ministrava aulas tendo como colegas Vital Brazil, Ulysses Paranhos e Franco da Rocha, entre outros.